Anno de 1846. Sexta feira 27 de Fevereiro. Anno XXII N. 47.

O DIARIO publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE FEVEREIRO.

Crescente a 3 as 2 hor. e 51 min. da man.
Lua cheia a 11 as 6 hor. e 51 min. da man.
Mingoante a 19 as 2 hor. e 23 min. da man.
Lua nova a 25 as 5 hor. e 11 min. da tard.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, e Parahyba, Segd.as e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.°, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 6 h. e 6 minutos da manhãa.
Segunda as 6 h. e 30 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

23 Segunda S. Lazaro, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v., do J. M. da 2. v.
24 Terça ✠ S. Mathias, S. Pretextato, S. Edelberto.
25 Quarta de Cinza. S. Cezario, aud. do J. do civ. da 2. v., e do J. de paz do 2. dist.
26 Quinta S. Torcato, aud. do J. de orf., e do J. M. da 1. v.
27 Sexta S. Eustoquia, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
28 Sabbado S. Serapião, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
1 Domingo S. Seutberto.

CAMBIOS NO DIA 26 DE FEVEREIRO.

Camb. sobre Londres, 27 d. p. 1$ a 60 d.
» » Paris 350 réis por franco.
» » Lisboa 105 p. c. pr. p. m.
Desc. de let. de boas firmas 1 ¼ p. % mez
Ouro-Onças' hespanholas 30$500 a 31$000
» Moeda de 6$400 vel. 16$800 a 17$000
» » de 6$400 nov. 16$500 a 16$800
» » de 4$000 . . 8$700 a 9$000
Prata-Patacões . . . . 1$940 a 1$960
» Pesos Columnares . 1$960 a 1$970
» Ditos Mexicanos . . 1$860 a 1$880
» Prata Miuda . . . 1$600 a 1$720
Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ADVERTENCIA.

No *Diario* n.° 41, na pastoral de S. Exc. Revma., columna 2.ª linha 62, em lugar de — damno — lêa-se — perigo.

PARTE OFFICIAL.

Governo da provincia.

EXPEDIENTE DO DIA 20 DO CORRENTE.

Officio—Ao commandante das armas, scientificando-o de haver mandado adiantar dous mezes de soldo ao alferes Francisco Eugenio Teixeira.

Dito—Ao mesmo, autorisando-o a concluir, depois de feito o que lembra o commissario pagador no officio, que por copia lhe envio, o contrato, por que Marcos André se obriga á mandar proceder aos concertos das estivas e manjadouras da coxia da companhia de cavallaria de primeira linha, por 1:025$000, ou 49$600 menos do que a quantia, em que forão orçados taes concertos.

Dito—Ao director do lyceo, ordenando, mande remover para outro lugar os objectos ao mesmo lyceo pertencentes, que ficárão na casa, donde acaba de ser elle transferido, e que vai ser posta a disposição do commandante das armas —Participou-se ao commandante das armas.

Ditos—Ao inspector da thesouraria das rendas provinciaes, exigindo uma nota da divida activa provincial, com declaração dos annos, á que pertence, da respectiva importancia, dos devedores, e da que se está arrecadando judicialmente; a outra da passiva, com indicação do exercicio, á que compete, dos credores, e daquella, por que a fazenda está sendo demandada.

Ditos – Aos delegados do Rio-Formoso e Santo Antão, determinando, que ao encarregado da estatistica enviem, até outubro futuro, os mappas da população de cada uma das respectivas freguezias, a vista dos quaes se organisou o mappa geral, que pelas prefeituras daquellas comarcas foi remettido á presidencia em 1838; e que, no caso de não existirem ditos mappas, fação confeccionar outros pelo modelo, que lhes transmitte. – Participou-se ao encarregado da estatistica.

INTERIOR.

Rio de Janeiro.

POLITICA GERAL.

O PODER EXECUTIVO.

De todas as sciencias humanas a mais ardua, aquella, cujas experiencias são grandes desastres e revoluções e calamidades de nações inteiras, a sciencia politica, a sciencia de governar os homens, tem feito tantos progressos nos ultimos seculos, como as outras sciencias, que, menos do que ella, contribuem para a felicidade do homem. Sem querermos dizer que tenhamos chegado ao limite da perfeição na combinação dos governos modernos, vulgarmente chamados monarchias representativas, sempre he certo que offerecem taes combinações, na theoria e na pratica, tantas provas em seu abono, que não nos cançaremos em repetil-o—He a mais admiravel das combinações humanas.—Ora, essa superioridade do systema monarchico representativo tem dous pontos em que mais se releva: a admissão da nação activa e intelligente no seu governo, pela eleição da legislatura, eleição, que lhe deixa, pelo pacifico triumpho da intelligencia, acompanhar todas as progressivas modificações da razão social, — e a combinação do executivo, pela qual, conservando a estabilidade e permanencia da monarchia, cria, para pô-la fóra dos vai-vens e inconstancias da opinião, o grande dogma da impeccabilidade do monarcha, sob a egide da responsabilidade ministerial.

Desse duplo principio nasce a mais sublime harmonia em todo o systema: todo o acto humano he discutivel, censuravel ou elogiavel, a razão nunca perde os seus fóros para analysar esses actos, quér nos seus resultados quér na causa, que os determinou; e sendo o regimen representativo o regimen da razão social, da intelligencia social, cumpre forma-la, esclarece-la acerca dos homens e das cousas: proclamado foi então esse outro principio eterno, a publicidade e a liberdade de discussão. Nem esse principio póde, por fórma nenhuma, alterar aquelle outro da impecabilidade do monarcha, porque ao publico, na discussão, na indole do regimen, o monarcha não obra, obra o ministro; com elle a discussão, para elle a censura e a responsabilidade.

Não querendo dar aqui prelecções de direito publico, e tanto mais quanto para nós, Brasileiros, — nós que de ha mais de vinte annos vivemos sob o regimen representativo, e pois estamos todos imbuidos desses seus dogmas, — basta-nos enunciar esses principios, para que se deduza a sua importancia.

Desappareça a responsabilidade ministerial, appareça um acto determinado exclusivamente pela vontade do monarcha, e de duas uma, ou esse acto não he discutivel, isto he, a respeito delle perde a razão social o seu alto direito; ou ella exerce esse direito e discuta esse acto, e a discussão, a censura vão offender a impeccabilidade do monarcha.

Ainda quando o acto exclusivamente determinado pela vontade do monarcha he um grande acto de politica, um desses, que influem na sorte de todo um povo, poder-se-hia admittir que salvasse-se o dogma da impeccabilidade, cerceando os foros da razão social e da discussão; mas, se vemos a acção exclusiva do monarcha apparecer em miudezas do serviço publico, terão direito os enthusiastas da monarchia representativa de clamarem: — Ministros salvai o systema, não nos deis o absolutismo, porque com o absolutismo abris a porta a revoluções, a insubordinações: o absolutismo, já em si terrivel, torna-se mais infausto, porque a sua repressão he horrorosa: diga-o Constantinopla com os seus janisaros, com os seus incendios.

O *criterium* da verdade he o harmonisar-se com todas as outras verdades, em quanto que o proprio do erro he a lucta permanente com todos os outros erros; o *criterium* da verdade politica dos tres dogmas do regimen representativo he a sua perfeita harmonia, que os faz completarem-se uns aos outros = liberdade de discussão, responsabilidade ministerial, impeccabilidade monarchica.

Postas estas considerações de metaphysica, vejamos como na pratica se coordenão esses dogmas e se simplificão? O monarcha, alto director da sociedade pelo pensamento estavel da monarchia, he o chefe do executivo, mas para pôr em acção as attribuições desse poder carece de ministros, e não os escolhe a arbitrio. Tira-os de entre os mais distinctos e os mais capazes dos chefes de uma tendencia, que tem por si o apoio da maioria do paiz real, e o apoio, pois, da razão social O monarcha influe com o seu pensamento estavel e permanente nos actos desse ministerio, os actos, porém, são desse ministerio, e nunca delle monarcha.

Eis-aqui qual entre nós tem sido o methodo pratico de conciliar essa intervenção do monarcha com a livre acção do ministerio. Os ministros combinão entre si este ou aquelle acto: depois, em conferencia com o monarcha, apresentão, explanão os motivos, que o determinão, as vantagens, que delle resultão: o monarcha ou a ellas adhere, e então o acto do executivo está completo, ou ás observações do ministro oppõem as suas, contrarias a esse acto, até que um dos dous ceda; cede o ministro, o acto não apparece em publico, não he discutivel, não existe.

Se porém, o ministro entende, por considerações de alta politica, que não deve ceder, forma-se um crise, o ministerio se dissolve, e ainda ahi a discussão e a publicidade assumem seus fóros; pois, para responder pelo acto da dissolução do gabinete, ahi está o gabinete, que lhe succede.

Em summa os actos governamentaes apparecem em publico como na realidade são, como se passárão, trazendo a responsabilidade do seu autor, e sobre elle travando a discussão.

Essa regularidade constitucional do regimen representativo, para nós base do systema, e motivo pelo qual o admiramos, triste presentimento nos fez receiar, quando foi determinada a viagem de S. M. I., que fosse infringida, e de facto o tem sido. Então, especialmente quando vimos o decreto de organisação do governo interino, fizemos algumas observações sobre essas irregularidades, sobre esses perigos. Não fomos attendidos.

De Santa-Catharina veio-nos um decreto de perdão ou commutação de pena, assignado por um homem, que, pelo decreto de organisação do governo interino, não era ministro da justiça, e esse perdão foi remettido ao ministro da justiça unicamente para faze-lo executar! Consta-nos, que em Santa-Catharina quiz S. M. dar baixa a um marinheiro, e esse mesmo homem, que já se havia transformado em ministro da justiça, transforma-se em ministro da marinha, lavra o aviso dando a baixa, e o transmitte ao ministro da marinha para ser registado!

No Rio-Grande, apparece criada uma legação nova: decide-se que mande o Brasil um ministro plenipotenciario para um estado, em que não temos a mais insignificante dependencia politica, a mais pequena relação commercial, onde não se bebe uma chicara de café nosso, nem consome um torrão do nosso assucar...e, determinado que se crie esse lugar, faz-se escolha do individuo que o deve ir preencher, ou para fallar com mais acerto, cria-se o lugar para o individuo! e o decreto dessa nomeação vem do Rio-Grande, para que o ministro assigne!

Despacha-se um desembargador, sem consultar a antiguidade, os serviços dos juizes de direito seus collegas, e dizem que até nesse acto, preterindo-se todas as formulas, nem vem o decreto á côrte para ter ao menos a firma do ministro e os competentes registros, mas do Rio-Grande he directamente mandado ao Paraguay, onde se acha o juiz de direito, não sabemos por quem referendado....

Em todos esses actos some-se a responsabilidade ministerial.

E nem he esse o unico inconveniente: o ministro apparece aos olhos do paiz assignando de cruz actos, cuja iniciativa de proposta lhe caberia, assignando de cruz, ou mandando cumprir sem examinar, como ahi qualquer official de secretaria poderia fazer. O rei não reina, o rei governa, e ou ha de cessar a discussão e perder a razão os seus foros, ou ir entender com a base da monarchia constitucional, a impeccabilidade do monarcha.

Srs. ministros, esse he o vosso maximo crime aos olhos do paiz: o monarcha brasileiro quer, e deve querer, em bem do paiz, ampla e bem ampla a sua prerogativa, porém de certo não a quer elle ultrapassar, se, pois, a ultrapassa, he em razão da posição, em que vos collocais para com elle, e em que collocastes o executivo com a viagem de S. M. Imperial. Se o monarcha a ultrapassa, he inadvertidamente e talvez por suggestões desse habilissimo José Carlos Pereira de Almeida Torres, unico talvez dos Brasileiros, que não saiba o *a b c* do systema constitucional... Mas, emfim, o monarcha acostuma-se a ultrapassa-lo, ficará capacitando-se que isso, que faz, está na sua prerogativa, e se, algum dia, algum ministerio, que comprehenda os seus deveres para com o paiz e o monarcha, procurar fazer que seja observada a indole desse regimen salvador, quem sabe quantos embaraços encontrará, quem sabe se não será accusado de arrogante e de usurpador!

Ainda ahi, Srs. ministros, sois concordes no vosso systema: estragais o presente, perdeis o futuro...... Deos vos dará e pago, Srs. do ministerio, pois não sois dos que já têem colxões macios.

POLITICA EPHEMERA.

A politica em nosso paiz, desde o dia em que raiou a aurora da vida publica em nossa terra, quasi que exclusivamente se tem circumscripto a uma lucta mais ou menos encarniçada, toda porém de actualidade, de interesse do momento, e infelizmente mais provocadora de odios do que disseminadôra de luz e de instrucção sobre os verdadeiros interesses, as verdadeiras questões sociaes. Procurai o que temos de positivo entre nós, em qualquer ponto que careça de estudo, de meditação e de vontade, achareis, que, obra monumentosa, ou escripto importante, tudo he dos tempos coloniaes, ou ainda dos tempos de D. João VI. Indagações sobre limites, linhas de defeza, essas mesmas estradas, assim mesmo ruins que temos, esses chafarizes e aqueductos, essas escolas publicas e museos, ou os herdâmos, e, em maxima parte, prodigos herdeiros, malbaratâmos o patrimonio, deixâmos arruinar-se e perverter-se isso que herdâmos; —ou muito pouco, e isso mesmo incompleto e ruim, lhe accrescentâmos. Porque? serião outros homens mais illustrados do que nós, ou mais patrioticos os nossos avós? disporião de maiores meios, e terião mais amor a esta terra os vice-reis e governadores, que Portugal nos mandava, do que os teem os nossos ministros de estado, os nossos presidentes de provincia? E todas essas illustrações, reunidas em camaras legislativas, em assembléas provinciaes, em municipalidades, estão condemnadas, senão a fazerem mal, pelo menos a completa esterilidade para o bem? Que vicio occulto ha no nosso viver politico, que assim nos traz degenerados?

A monarchia absoluta, desde o tempo em que era o Brasil sua colonia, teve sempre um cuidado permanente, uma politica inalteravel: a defeza e augmento do territorio brasileiro. Tratados para assegura-lo pelo lado do Norte e do Oeste, investigações, fortificações, presidios, nada lhe era pouco; emquanto que para o Sul, o limite natural do Rio-da-Prata foi seu constante anhelo. Se estas vistas dominavão a politica externa, na administração interior a metropoli, para si sem duvida, com vistas do augmento de sua propria riqueza, esmerava-se em multiplicar a prosperidade da colonia; davanos o que tinha e o melhor do que tinha. Uma legislação philosophica e adiantadissima para o tempo, em que foi promulgada, regulava as relações civis, e garantia a igualdade dos subditos do mesmo rei contra preocupações filhas da oppressão; e se o arbitrio e o despotismo dominavão era o arbitrio na mão de quem queria o bem, de quem o sabia querer; era o arbitrio, que nos deo essas riquezas, cujo acervo ainda hoje fórma a riqueza social—Então nada era ephemero, os homens não pare-

FOLHETIM.

A RAINHA MARGOT. (*)

POR Alexandre Dumas.

QUINTO VOLUME.

CAPITULO VII.

DE MOUY DE SAINT-PHALE.

Desta vez havia Catherina tomado tão bem as suas precauções, que julgava segura a sua empreza.

Por conseguinte, pela volta das dez horas, despedira Margarida, bem convencida, — e era verdade, — que a rainha de Navarra ignorava o que se tramava contra seu marido, e se dirigira á camara do rei, pedindo-lhe que retardasse a sua hora de deitar-se.

Picado na sua curiosidade pelo ar de triumpho, que, apezar da sua habitual dissimulação, transluzia no rosto de sua mãi, Carlos interrogou Catherina que lhe respondeo unicamente estas palavras:

— Só posso dizer uma cousa a V. magestade, e he que esta noite ficará livre dos seus dous mais crueis inimigos.

Carlos fez esse movimento de sobrancelhas de um homem que diz entre si: Está bem, vamos vêr; e assobiando ao seu grande galgo, que veio ter com elle arrastrando-se como uma serpente, e pôz a cabeça delicada e intelligente sobre o joelho do senhor, esperou.

D'alli a alguns minutos, que Catherina passou com os olhos fixos e o ouvido alerta, ouvio-se o disparar de uma pistola no pateo do Louvre.

— Que bulha he esta? perguntou Carlos franzindo a testa, em quanto o galgo se erguia com um movimento rapido, e pondo em pé as orelhas.

— Não he nada, disse Catherina; he um signal.

— E que significa este signal?

— Significa que d'aqui por diante, Sr., vosso unico, vosso verdadeiro inimigo está impossibilitado de vos prejudicar.

— Acabárão de matar algum homem? perguntou Carlos fitando sua mãi com esses olhos de senhor, que significão que o assassinato e a graça são dous attributos inherentes ao poder real.

— Não, Sr.; prendêrão-se somente dous.

— Oh! murmurou Carlos, sempre tramas occultas, sempre machinações que o rei ignora. Morte do diabo! pois, minha mãi, eu já sou um homem, e homem capaz de vélar em mim mesmo, e não necessito que me guiem, nem me dêem a mão. Ide-vos á Polonia com vosso filho Henrique, se quereis reinar. Mas aqui, eu vo-lo digo, não tendes rasão de fazer tal jogo.

— Meu filho, disse Catherina, he a ultima vez que me intromette nos vossos negocios. Porém era uma empreza começada ha muito tempo, na qual nunca me déstes rasão, e eu tinha a peito mostrar a V. magestade que ella me assistia.

Neste momento parárão muitos individuos no vestibulo, e ouvio-se o estrepito do descançar as armas no ladrilho.

Quasi ao mesmo tempo M. de Nancey mandou pedir permissão de fallar ao rei.

— Entre, disse de prompto Carlos.

— M. de Nancey entrou, saudou o rei, e voltando-se para Catherina:

— Senhora, disse elle, as ordens de V. magestade estão executadas: elle está preso.

— Como *elle!* exclamou Catherina muito perturbada; pois só prendestes um?

— Elle estava só, senhora.

— E resistio?

— Não; cêava tranquillamente em um quarto, e entregou a sua espada á primeira intimação.

— Quem fez isso? perguntou o rei.

— Vós ides vêr, disse Catherina. Fazei entrar o preso, M. de Nancey.

Cinco minutos depois entrava de Mouy.

— De Mouy! exclamou o rei; e que houve então, Sr. meu?

— Oh! Sr., disse de Mouy, com perfeita tranquillidade, se V. magestade me concede a permissão, far-lhe-hei a mesma pergunta.

— Em lugar de fazer essa pergunta a el-rei, acudio Catherina, tende a bondade, M. de Mouy, de dizer a meu filho, quem era que se achava na camara do rei de Navarra em certa noite, e que nessa noite, resistindo as ordens de S. magestade como um rebelde que he, matou dous guardas e ferio a M. de Maurevel.

— Com effeito, ajuntou Carlos carregando o sobr'olho; saberieis o nome desse homem, M. de Mouy?

— Sim, Sr.; V. magestade deseja conhece-lo?

— Confesso, que me daria prazer.

— Pois bem! Sr., chamava-se de Mouy de Saint-Phale.

— Ereis vós?

— Eu mesmo.

Catherina, admirada desta audacia, recuou um passo ante o mancebo.

— E como, disse Carlos IX, ousastes resistir as ordens do rei?

— Primeiramente, Sr., eu ignorava que houvesse uma ordem de V. magestade; depois, só uma cousa vi, ou antes um homem só, M. de Maurevel, o assassino de meu pai, e do Sr. almirante. Recordei-me então que havia anno e meio, nesta mesma camara em que estamos, na tarde de 24 de Agosto, V. magestade me havia promettido, fallando a mim mesmo, de castigar o assassino; ora, como desde esse tempo tenhão occorrido graves acontecimentos, julguei que el-rei havia sido, mão grado seu, desviado dos seus desejos; e ao vêr Maurevel ao meu alcance, acreditei que era o céo que m'o enviava. V. magestade sabe o mais, Sr.; cahi sobre elle como sobre um assassino, e atirei nos seus companheiros, como em bandidos.

Carlos nada respondeo; a sua amizade á Henrique o havia feito encarar as cousas por um ponto de vista bem differente daquelle pelo qual ao principio as havia olhado, e mais de uma vez com terror.

A rainha-mãi tinha conservado na memoria algumas proposições sahidas da boca de seu filho, acerca do Saint-Barthelemy, que parecião remorsos.

— Mas, disse ella, que vinheis vós fazer a semelhante hora no aposento do rei de Navarra?

— Oh! disse de Mouy, isso he uma historia longa; todavia, se S. magestade quizer ter a paciencia de ouvi-la.....

— Sim, disse Carlos, fallai, eu o quero.

— Obedecerei, Sr., disse de Mouy inclinando-se.

Catherina sentou-se fitando no joven chefe um olhar inquieto.

— Nós ouvimos, disse Carlos. Aqui, Acteon.

O cão tomou de novo o lugar que occupava antes do preso ser introduzido.

— Snr., começou de Mouy, eu vinha fallar a S. magestade el-rei de Navarra, como deputado de nossos irmãos, vossos fieis subditos de religião.

Catherina fez um signal a Carlos IX.

— Não tenhais cuidado, minha mãi, disse este, eu não perco uma palavra. Continuai, M. de Mouy, continuai.

— Para prevenir a el-rei de Navarra, continuou de Mouy, que a sua abjuração lhe tinha feito perder a confiança do partido huguenote; mas, que todavia, em lembrança de seu pai, Antonio de Bourbon, e sobretudo em memoria de sua mãi, a corajosa Joanna d'Albret, cujo nome nos he charo, os da religião lhe devião este signal de deferencia, de lhe pedirem que desistisse dos seus direitos a corôa de Navarra.

— Que disse elle? exclamou Catherina, não podendo,

(*) Vide *Diario* n.° 46.

cião materialisados no desejo de desfructar na actualidade ; mas sim contavão com o futuro, para o futuro trabalhavão, e a lembrança do bem, que preparavão, compensava-lhes as fadigas, suppria-lhes os gozos da actualidade.

Hoje o ministro quer ser ministro : para que ? para desfructar a actualidade. Quando sabe das mesquinhas proporções de uma questão de interesses pessoaes, de arranjos de familia, não sobe acima de uma questão de amor proprio, nunca se ergue ás proporções de nobre ambição, esse desejo de ser ministro.

Vêde-os, pois, materialisados na actualidade : toda a força do poder elles a despendem em esmagar os seus contrarios, em burlar-lhes todos os seus direitos ; toda a actividade de suas intelligencias elles a gastão em vêr meios e modos de resolver o insoluvel problema — contentar a muitos repartindo entre elles pouco — achar nos escaninhos do orçamento com que alentar a todos os amigos.

Sua vida politica volve-se em redor desses dous pensamentos ; se alguma complicação se lhes apresenta, arredão-a sem solve-la ; adião-a, embora assim se aggrave e se torne insoluvel.

Em uma vida de lucta permanente e esteril, se carecem de agentes, não buscão o mais habil, o mais digno de ser associado aos planos de prosperidade publica, senão os mais poderosos auxiliares aos planos de perseguição e desfructe. Se precisão de presidentes de provincia, não procurão o administrador illustrado, (e, confessemo-lo, quando o quizessem procurar, não teem meio algum de o reconhecerem), procurão o homem que mais desembaraçado achão para conquistar uma provincia, ou o mais submisso para se deixar governar por um secretario, por um chefe de policia, por uma commissão directora, e achão um Paranhos, um Souza Franco, um Quintiliano, um Ramalho.

A questão he para o nomeado e os nomeadores, — como foi com o pobre doutor Ramalho, arrumado para Goyaz não sabemos por que cargas da agoa —, uma simples questão de mais alguns cruzados, menos alguns cruzados de ajuda de custo !... E por isso o que vemos ? De ha dous annos fez-se a mais completa inversão no estado , os salvadores, os patriotas tomárão conta absoluta do paiz ; nesses dous annos o que fizerão de bom, de grande, de permanente ? Estamos promptos até a sermos ministeriaes, se nos apontarem uma industria nacional, que o ministerio promovesse ou fizesse nascer, um passo que désse para dar solução á grande crise da nossa lavoura pela carencia de braços, para promover a civilisação do paiz, para facilitar as communicações, ou ainda mesmo para dar mais commodo á existencia dos cidadãos.. .

Deo a Providencia ao imperio um principe : o ministerio em ridiculas luminarias despendeo mais de 200 contos por esse motivo, insultou ao bom gosto e á miseria publica com essa columna-monstro do largo do Rocio : o que então se despendeo não teria dado um monumento duradouro e util, um verdadeiro beneficio á população ?

E emquanto notamos horrorisados essa esterilidade do ministerio, consultemos o orçamento para vermos de que meios póde elle lançar mão, quantos meios esbanja. O orçamento ! oh ! a historia de nossas miserias ahi está toda encerrada nos algarismos desse livro ! vemos nelles a despeza sempre crescente aos milheiros de contos de réis ! Era de vinte mil contos, passou com o ministerio actual a ser de vinte e cinco mil contos ! Já ouvimos dizer, que para o exercicio de 1846—1847 será de vinte e oito mil contos !

E a receita ! Sacrificando a sua popularidade, a camara ordeira a elevou pela criação de impostos e medidas de fiscalisação a equilibrar a despeza. Os desperdicios ministeriaes cavárão novo deficit—Os deficit multiplicar-se-hão de anno a anno : he a ulcera do orçamento, e não ha cauterisa la !.. .

E percorra-se toda essa mole immensa de despezas, que nos arruinão : achar-se-hão entre ellas consignações para irem pintores aprender na Italia a tirar retratos e a fazer caricaturas ; achar-se-hão cem contos de réis para ensaios de matar Indios, quinhentos contos de réis para estorvar toda a colonisação util e discretamente promovida; achar-se-hão desatinos de todo o lote, desatinos que felizmente só uma ou outra vez se realisão ; porque todo o dinheiro dado para elles he pouco para os desperdicios necessitados pelo augmento do pessoal das repartições publicas e pelos arcos e luminarias dos festejos.

E entretanto ha infelizmente tanto que fazer, entre nós, para o ministro, que quizer sahir da politica ephemera em que vive, para o ministro, que confiar no futuro e quizer nelle o quinhão de gloria, que cabe a quem promove a felicidade de uma nação ! Sem fallarmos do mais, o ministro, que se preoccupar seriamente com a navegação do Amazonas, o ministro que se preoccupar seriamente com a questão dos escravos, e as condições da nossa lavoura, que immensa gloria que não veria a ter, que immenso beneficio que não faria á sua patria ! .. Mas isso não he empreza para homens pequeninos, que, por curteza de comprehensão, ou hallucinação de raiva, desmanchão peça por peça uma monarchia, para atirar com os pedaços della aos seus contrarios, a vêr se os esmagão.

A LAVOURA.

Procurámos, no nosso numero de sabbado, fazer sentir os embaraços de maior monta, que na actualidade já estorvão o progresso da nossa industria, embaraços que a previsão a menos illustrada vê de dia em dia aggravarem-se, até que um dia a *miseria de casaca* e a *miseria de andrajos* bradem juntas—Morremos de fome ! —

De duas ordens são esses embaraços — escassez progressiva de braços, trazendo inevitavelmente uma revolução no nosso systema de lavoura — falta de compradores aos nossos productos por preços, que cubrão a despeza de producção.—

Não julgamos necessarios voltar á demonstração dessas duas proposições ; triste presentimento no fundo do coração de todo o Brasileiro, que pensa, as acolhe e denuncia a consciencia intima que todos tem da sua verdade. A imprensa em todas as provincias, a imprensa de todos os partidos, os periodicos de todos os formatos, de vez em quando, apontão esse perigo. Dissemos tambem, que por imminente, por gravissimo não era todavia esse perigo irremediavel.

Não seguiremos o trilho de um dos nossos collegas da Bahia, que, depois de provar analytica e concludentemente que o algodão, que o assucar, que os productos brasileiros actuaes em fim não terião em breve compradores, aconselha aos nossos lavradores que os abandonem e vejão novas producções, recommendando-lhes muito affincadamente a plantação da vinha, o fabrico do vinho, que sempre ha de ter sahida.—

Não, não somos dos que pensão que uma nação, que tem tantos e tantos milhares de milhões empenhados na sua producção agricola, possa, de um momento para outro, fazer o sacrificio de quanto tem, de quanto vale, para ir explorar com producções novas o seu territorio, ensaiar aqui o cha, alli o bicho da sêda, acolá a abelha, naquelle cantinho o trigo, naquell'outro a vinha, a ver o que melhor medra, e nesse tempo de experiencia e de ensaios, morrendo nas convulsões da miseria. Não, entendemos que esses ensaios devem ser feitos sim, e os applaudimos como a obras patrioticas, como a emprezas utilissimas, que occupem os hortos botanicos á custa do estado ou de ricos e curiosos particulares. D'ahi successivamente irão ellas entrando na grande lavoura do paiz, d'ahi, a pouco e pouco, serão acceitas no seu commercio como auxiliares, nunca como substitutos dos grandes productos da nossa actual riqueza.

Acceita-los na qualidade de substitutos !... mas vede, vós que propondes esse remedio, que esse remedio não he mais do que o resultado, levado ao seu ultimo apuro, do mal mesmo, que pretendeis curar. Trata-se de ergueo o nosso café, o nosso assucar, o nosso fumo dos golpes, que lhes dão a falta de braços, a falta de compradores, e vós dizeis – não plantemos mais café, nem fumo, nem canna ! – Mas o que dizeis he o mesmo que nos dizia, ha alguns annos, um jornalista negrophilo da Inglaterra -- Queimai vossos engenhos de assucar, arrancai vossos cafezaes ; o vosso paiz he mui fertil, poderá dar-vos outros productos.

Não ; o café, o fumo, o assucar, o algodão hão de ser por longos seculos os primeiros productos da lavoura brasileira, occuparáõ eternamente a cabeça do rol no catalogo da nossa riqueza; dia não virá, em que os nossos netos tenhão de apagar, por fabulosos, ou ironicos, o ramo de fumo, ou o galho do cafezeiro, que ornão as armas nacionaes.

O que cumpre fazer ? A politica ephemera, activada e desenvolvida pelo ministerio-peste, — pois he a unica com a qual podem servir espiritos tão mesquinhos, intelligencias tão avêssas á meditação, – a politica ephemera, obrigando os melhores espiritos a acompanhar os seus adversarios no campo da polemica politica, e do individualismo, disperdiçando os recursos do futuro em estupidas e corruptoras immoralidades, a politica ephemera tem abandonado como insoluvel esse problema, esse problema cuja solução não póde dar um decreto de perseguição contra os adversarios politicos, um decreto de favor para os bons amigos e alliados, e entretanto esse problema não he insoluvel ; sua solução exige tempo, sim, exige uma constancia e permanencia de vistas e esforços administrativos, a que não está habituada a nossa bella patria, tão bella como o mar, porém como elle tão tempestuosa e inconstante.

A solução do problema — falta de braços — indicou-a a lei das terras ; completa-la-hião algumas leis especiaes sobre o regimen dos escravos nas cidades e no campo. A solução do problema — falta de consumidores — responderia um concurso de medidas necessarias para favorecer e auxiliar o commercio interno.

Será preoccupação nossa, mas confessamos, que nos parece, que o Brasil poderia offerecer, debaixo de uma sabia administração, um grande mercado aos productos do Brasil ; as trocas de provincia a provincia, de villa a villa, trocas multiplicadas, e satisfazendo a todas as necessidades primarias e até de luxo de todos os pontos deste vasto imperio, farião apparecer uma immensa riqueza publica, e para os particulares trarião uma massa de gozos, de commodidades, de bem estar, que a imaginação mal póde abranger.

No estado actual do Brasil, sahi de alguns pontos centraes, em que domina, de que toma conta o commercio estrangeiro, achareis por toda a parte a mais completa *penuria*, e muitas vezes achareis essa penuria ao lado da riqueza, que a não póde espancar. Vereis o homem rico , ignorante de todo o conforto da existencia, mal vestido, de tamancos, comendo pouco melhores alimentos, do que os que dá aos seus escravos, não achar o de que carece, nem para a saúde de seu côrpo, nem para a saúde do seu espirito, senão mandando-o vir da *cidade* com immensa delonga, com immenso sacrificio seu. E isso não mostra quanto ainda temos que fazer para habilitar os nossos productores a produzirem mais e mais barato ?

O vasto mercado do Brasil não poderia dar consumo a todo o seu algodão, se os Brasileiros o manufacturassem, se as cidades o restituissem, feito em tecidos, aos campos, que os houvessem produzido, e em que fossem elles vestir o lavrador, que hoje, ou do estrangeiro o teem, ou delle se priva? A creação da ovelha não daria optima alimentação aos paizes criadores, em quanto que a lãa, atirada aos paizes manufactureiros se convertêsse, senão em delicado *Elbeuf*, ao menos em algum tecido, que resguardasse o campones das inclementes variações da athmosphera, dessas chuvas tão frias no meio de dias tão quentes, dessas noutes tão humidas?...

Não ha na direcção, que aqui apontamos, grandes, uteis, e gloriosos trabalhos para o estadista, que, patrioco, lhes puzer o peito ?... Quando vemos, que no Brasil, patria do assucar, tem entrado *assucar inglez* ! quando vemos, que productos do Pará nos veem da Inglaterra, nos veem de Lisbôa, não podemos deixar de nos convencer, que isso he um grande atrazo, que nos não seria impossivel remediar.

Para tudo o que, porém, cumpriria ? qual a condição indispensavel para todos esses melhoramentos (e os melhoramentos no estado de crise, em que nos achamos, são de absoluta e rigorosa necessidade) serem estudados, concebidos levados a execução ? Seria preciso, com dôr do nosso coração o dizemos, seria preciso o que até hoje nos tem faltado, o que iamos tendo depois de julho de 1842, o que o 2 de fevereiro de 1844 adiou para remotissimo futuro ; seria preciso, que cessasse para sempre, na monarchia brasileira, a fatal influencia democratica da politica ephemera.

Nestes artigos, que não escrevemos com intenções de polemica politica, e em que procuramos segregar-nos de toda a influencia della, queremos ser francos até o fim; diremos pois todo o nosso pensamento. Desde as regencias, o paiz se divide em dous partidos bem distinctos ; uma ou outra defecção de individuo, que, ao aceno do seu interesse, passa de um partido para o outro, não altera em nada essa profunda scisão Não queremos que sejão uns santos todos os homens do nosso partido, não queremos que sejão uns monstros tôdos os do partido contrario ; não, assim não póde ser, assim não he. O que, porém, ninguem de boa fé contestará he que nas doutrinas politicas do nosso partido se achão consagrados, como dogmas, todos os principios, que tendem a querer que a sociedade se assente em fim, e que o estudo faça descobrir o remedio ás suas necessidades : he igualmente certo que em torno desses principios, que sempre proclamámos, se reune toda a nação, que trabalha, que produz, que deseja ver pacificamente resolvidos os grandes problemas sociaes, que ameação o futuro do paiz. He igualmente certo que os nossos adversarios substituem a reflexão pelo enthusiasmo, que ainda não desprendêrão nas desgraças da patria os principios de uma escola anti-governamental, que constitue o materialismo da politica; que em seus combátes, como em seus triumphos, fazem-se acompanhar por auxiliares, cujo emprego em politica he cheio de horriveis perigos ; que para vencerem eleições, soltão regimentos de cacetistas, armando todos os operarios de arsenaes e obras publicas; que para conquistarem o poder, provocão massas revolucionarias e as levão ao degoladouro; que em fim, quando querem ovações para os seus chefes, mandão *rapazes inconsiderados* (a expressão he della, he da folha official de 1840) dar bravos nas galerias da camara, atirar cobres a deputados, que lhes desagradão, soltar vaias a outros... Entre esses dous partidos, a lucta travada havia cessado : a victoria havia mostrado ao turbulento que lhe cumpria deixar o paiz voltar ao jogo regular do systema monarchico representativo. O partido estava morto. Os seus chefes resurgirão, com a sua influencia, sim, e até seria o contrario uma fatalidade para a patria; a lucta, porém, em que desde 1831 estamos empenhados cessaria de todo ; a estabilidade nasceria; com o tempo os longos odios extinguir-se-ião; novas questões, apresentando-se, no seu turbilhão levarião todas essas reminicencias de um passado morto, as novas questões serião as grandes questões de prosperidade, de futuro nacional. .. Não o quiz o 2 de fevereiro : o vencido foi por elle levado á categoria do vencedor : o vencedor foi punido como criminoso, e o Brasil achou-se de novo entregue a essa lucta da politica ephemera, que o consome; a solução das grandes questões sociaes ficou adiada, Deos não queira que para sempre.

(*Do Brasil.*)

PERNAMBUCO.

TRIBUNAL DO JURY.

DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1846.

Presidencia do Sr. doutor Ferreira Gomes.

As 11 horas da manhãa, feita a chamada, verificou-se estarem presentes 28 Srs. jurados.

O Sr. presidente, observando, que, estando presentes 28 Srs jurados, e não podendo abrir a sessão, porque o menor numero, com que ella podia ter lugar, era o de 36, rogou aos juizes de facto presentes, houvessem de lembrar alguns dos Srs. qualificados, para serem avisados, a fim de comparecerem na sessão proxima.

(*Entrárão mais tres Srs. jurados.*)

Dous dos Srs. jurados lembrárão, e os outros approvárão, que fossem avisados os seguintes Srs.: Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, José Thomaz de Freitas, Francisco de Paula e Silva, Francisco Antonio das Chagas, João Manoel Ribeiro de Couto, João Bernardino de Vasconcellos, Firmino Theotonio da Camara Santiago, Frederico Augusto de Lemos, João Pacheco de Queiroga, Ignacio Manoel Viegas, Felix Francisco de Souza Magalhães, Antonio Francisco de Moura, Miguel Serafim de Castro Nunes, brigadeiro Aleixo José de Oliveira, Miguel Affonso Ferreira, Evaristo Mendes da Cunha Azevedo.

O Sr. presidente declarou, que a 1.ª reunião teria lugar na segunda-feira, 2 de março, ás 10 horas da manhãa, e que a de hoje estava dissolvida.

Communicados.

No dia 24 do corrente estavão uns homens no Mosqueiro suspendendo, em uma lancha, a ancora de um navio alli fundeado : por um desses acasos, a que a vida maritima está a cada momento subjeita, essa lancha voltou-se e mergulhou, e a sua tripolação vio-se a braços com a maré, que enchia com bastante força, era uma hora da tarde, para ganhar as embarcações mais proximas : era a lucta perigosa, mas sobre tudo para tres marinheiros, que não sabião nada da arte tão necessaria da natação : esses tinhão já a morte ante os olhos, e já por vezes tinhão ido abaixo d'agoa, sem que ninguem se abalasse dos navios, que servião de espectadores impassiveis. Felizmente, porém, o capitão da polaca sarda, o Sr. J. Baptista Gorlero, em cujo coração não domina o egoismo, vio esse perigo, e, apezar de não estar muito proximo da lastimosa scena, acudio pressuroso no seu bote, e salvou os tres miserandos, que ião já a perder de todo o animo, e á profundar-se por uma vez. Louvores sejão dados ao Sr. Gorlero, cuja acção não desmente da sua agradavel physionomia, reveladora da sua boa alma.

A.

---

apezar de quanto sabia conter-se, receber sem gritar um pouco o golpe inesperado que a feria.

— Ah! ah! fez Carlos, mas parece-me que essa corôa de Navarra, que assim fazem gyrar sobre todas as cabeças, me pertence um pouco.

— Os huguenotes, Sr., melhor do que ninguem reconhecião esse principio de feudo, que el-rei acaba de emittir, e por isso esperavão elles alcançar que V. magestade a fixasse sobre uma cabeça que lhe he chara.

— A' mim ! disse Carlos, sobre uma cabeça que me he chara. Morte do diabo ! de que cabeça quereis então fallar, Sr. meu? Não vos entendo.

— Da cabeça do Sr. duque d'Alençon.

Catherina tornou-se pallida como a morte, e devorou de Mouy com um olhar cruscante.

— E sabia-o meu irmão d'Alençon?

— Sim, Sr.

— E acceitava elle essa corôa ?

— Salvo a approvação de V. magestade, para a qual nos enviava.

— Oh! oh! disse Carlos, he com effeito uma corôa que irá maravilhosamente a nosso irmão d'Alençon. E eu que não havia pensado em tal ! Obrigado, de Mouy, obrigado ! Quando tiverdes semelhantes ideias, sereis sempre bem acolhido no paço.

— Senhor, ha muito tempo que estarieis informado deste projecto, se não fôra esse desagradavel encontro do Louvre, que me fez receiar ter cahido na desgraça de V. magestade.

— Sim ; mas, insistio Catherina, que dizia á este projecto o rei de Navarra ?

— O rei, senhora, submettia-se ao desejo de seus irmãos, e a sua renuncia estava prompta.

— Nesse caso, acudio Catherina, deveis tê-la, essa renuncia.

— Com effeito, senhora, disse de Mouy, tenho-a por acaso aqui, por elle assignada e datada.

— De data anterior á scena do Louvre? disse Catherina.

— Sim, da vespera, creio eu.

E de Mouy tirou da algibeira uma renuncia em favor do duque d'Alençon, escripta e assignada pelo punho de Henrique, e com a data indicada.

— Por minha fé disse Carlos, que tudo está muito em regra.

— E que pedia Henrique em cambio desta renuncia?

— Nada, senhora ; disse-me elle, que a amizade de el-rei Carlos o compensaria amplamente da perda de uma corôa.

Catherina de raiva mordeo os labios e torceo as bellas mãos.

— Tudo isto está perfeitamente exacto, de Mouy, ajuntou o rei.

— Então, replicou a rainha-mãi, se tudo estava decidido entre vós e o rei de Navarra, para que fim era a entrevista que com elle tivestes esta noite?

— Eu, senhora, com o rei de Navarra? disse de Mouy. Quem me prendeo portará por fé que eu estava só. V. magestade póde chama-lo.

— Monsieur de Nancey ! bradou o rei.

O capitão das guardas appareceu.

— M. de Nancey, acudio de prompto Catherina, M. de Mouy estava sosinho na hospedaria da Bella-Estrella?

— No quarto, sim, senhora; mas na hospedaria, não.

— Ah! disse Catherina ; quem era o seu companheiro ?

— Não sei se era companheiro de M. de Mouy, senhora ; mas sei que se escapou por uma porta de detrás, depois de haver deitado por terra dous dos meus guardas.

— E vós sem duvida, conhecestes este gentilhomem?

— Não eu, mas os meus guardas.

— E quem era elle ? perguntou Carlos IX.

— O conde Annibal de Cocannas.

— Annibal de Cocannas ! repetio o rei serio e pensativo, esse que tão terrivel matança fez de huguenotes na noite de S. Bartholomeo?

— M. de Cocannas gentilhomem do Sr. duque d'Alençon, disse M. de Nancey.

— Está bem, está bem, disse Carlos IX ; retirai-vos M. de Nancey, e para outra vez, lembrai-vos d'uma cousa.

— De que, Sr.?

— De que estais ao meu serviço, e que só a mim deveis obedecer.

M. de Nancey retirou-se recuando e saudando respeitosamente.

De Mouy enviou um sorriso ironico a Catherina.

Houve então um curto silencio. A rainha torcia as franjas do seu cinto. Carlos affagava o seu cão.

— Mas qual era o vosso intuito, M. de Mouy? continuou Carlos. Pretendieis obrar violentamente.

— Contra quem, Sr.?

— Ora, contra Henrique, contra Francisco, ou contra mim.

— Senhor, nós tinhamos a renuncia de vosso cunhado, a acquiescencia de vosso irmão, e como ja tive a honra de dize-lo, estavamos a ponto de solicitar a autorisação de V. magestade, quando occorreo esse desgraçado encontro de M. Maurevel.

— E então! minha mãi, disse Carlos, não vejo em tudo isto nenhum mal. Estaveis no vosso direito, M. de Mouy, pedindo um rei. Sim, a Navarra póde, e deve ser um reino separado. Ainda mais, esse reino parece feito expressamente para dotar meu irmão d'Alençon, que tanta vontade tem sempre tido de uma corôa, que quando carregamos a nossa, não póde desviar os olhos della. O unico obstaculo que se oppunha á esta enthronisação, era o direito de Henriquinho ; mas visto que este renuncia voluntariamente.....

— Voluntariamente, Sr.

— Parece ser a vontade de Deos ! M. de Mouy, estais livre, podeis voltar para os vossos irmãos, que castiguei..... com demasiada aspereza, talvez ; mas isso he negocio de Deos para commigo : e dizei-lhes, que, visto que desejão ter para rei de Navarra a meu irmão o duque d'Alençon, o rei de França annue a seus desejos. D'ora em diante, a Navarra he um reino, e o seu soberano chama-se Francisco. Peço somente oito dias para que meu irmão deixe Paris com o brilho e pompa que convem a um rei. — Ide, M. de Mouy, ide !..... M. de Nancey deixai passar M. de Mouy ; elle está solto.

— Senhor, disse de Mouy, dando um passo para diante, V. magestade permitte?

— Sim, disse o rei.

E estendeo a mão ao joven huguenote.

De Mouy poz um joelho em terra, e respeitoso beijou a mão do rei.

— A proposito, disse Carlos, demorando-o no momento em que elle ia erguer-se, não me havieis pedido justiça contra esse ladrão de Maurevel?

— Sim, Sr.

— Eu não sei onde elle está para vo-la fazer, porque anda occulto, mas, se o encontrardes, fazei-vos justiça vós mesmo, a isso vos autoriso e de muito boa vontade.

— Ah! Sr., exclamou de Mouy, isto he o cumulo das vossas bondades para commigo ; V. magestade me confia este negocio ; eu o desempenharei : tambem não sei onde elle está, mas eu o encontrarei, fique V. magestade certo disto.

E de Mouy, depois de haver respeitosamente saudado o rei Carlos, e a rainha Catherina, retirou-se sem que os guardas que o tinhão conduzido, lhe impedissem a sahida. Elle atravessou os corredores, ganhou rapidamente o postigo, e quando se vio fora, deu um salto só da praça Saint-Germain-l'Auxerrois a estalagem da Bella-Estrella, onde achou o seu cavallo, por meio do qual, tres horas depois de haver deixado Paris, respirava o mancebo em segurança por traz das muralhas de Mantes.

Catherina, devorando a sua colera, foi ao seu aposento, e de lá passou ao da rainha Margarida.

Ella ahi achou Henrique em chambre, e como prestes a metter-se no leito.

— Satanaz, murmurou ella, soccorre uma pobre rainha, por quem Deos nada mais quer fazer !

(Continuar-se-ha).

Acaba de occorrer nesta cidade um facto de tanta gravidade e magnitude, que julgo conveniente entrega-lo á publicidade, mormente porque, tendo de passar por bocca de muita gente, póde ahi chegar sobremaneira adulterado.

Sabbado, 31 de janeiro p. p., seis dias depois de aberta a sessão do jury desta comarca, entrou na sala respectiva, armado com espada e pistola, o soldado de policia Possidonio, ordenança do delegado do termo, o doutor Pedro Bezerra Pereira de Araujo Beltrão; esteve algum tempo nas galerias, penetrou no local das sessões, e depois retirou-se. Nada disto o juiz de direito póde vêr, porque estava então com a cabeça inclinada, lendo, ou assignando diversos papeis. Mas de tudo subsequentemente inteirado, consta-me, que pedira ao doutor promotor, se fosse informar do delegado, que se achava presente, por que motivo havia Possidonio infringido a lei, apresentando-se armado na casa; e sem que eu saiba a resposta, satisfactoria, ou não, que se tenha dado ao juiz, posso asseverar, que este nada mais fez, do que reprehender a sentinella, por não ter cumprido suas determinações, recommendar-lhe novamente a execução dellas, e apontar ao jury a disposição do artigo 288 do codigo do processo; mas nem se quer de leve tocou no nome do delegado.

Quarta-feira, 4 do corrente, tinha de representar-se scena de nova especie. E com effeito, tendo-se recolhido o jury á sala de suas deliberações, approxima se o delegado Beltrão ao juiz de direito, e, depois de praticar com este, algum tempo, em voz baixa, ouvi o mesmo juiz dizer-lhe, que, uma vez que lhe ficava duvida sobre a intelligencia do artigo 288 do codigo, convinha, que consultasse ao Exm. Sr. presidente, autoridade competente para soltar semelhantes duvidas, e em cuja sabedoria inteiramente se louvava.

A esta ideia tão justa, quanto conciliadora, replica o delegado declarando, que segundo os principios, pelos quaes se vedava a entrada de seu ordenança com armas, se elle julgava autorisado á fazer retirar a sentinelle, que se mandava collocar á noute atrás dos réos presos : o juiz faz-lhe vêr, que nada elle tinha com a policia da casa, que o fim por que se alli punha aquella sentinella, era prevenir a fuga dos presos, e que aliás não se dava paridade entre essa medida de precaução e a illegal entrada de um homem armado, como elle pretendia, e conclue impondo-lhe silencio, a fim de que se não perturbasse a sessão. A isto acode Beltrão dizendo, que não havia sessão : mostra-lhe o juiz o contrario, tanto que estava deliberando o concelho no quarto das conferencias, e então restabeleceo-se o silencio.

Confesso, que não teria atinado com os motivos, por que o delegado Beltrão tanto empenho mostrava em que apparecesse armado o seu ordenança na sala do jury, se os factos, que posteriormente tiverão lugar, não tivessem vindo provar, que o delegado reduzia o negocio á uma questão de amor proprio. E com effeito havia chegado o dia 11, em que tinha de ser encerrada a sessão do jury, e com quanto tivesse esta sido prorogada por mais um dia, ainda o não podia saber Beltrão : era portanto urgente, que viesse quanto antes desaggravar-se, quando não teria de esperar pela seguinte sessão. Vem, pois, muito açodado de seu engenho—Bento-Velho—, installa-se no quarto do jury : após delle entra o soldado de policia, Francisco Ferreira Wanderley, armado de pistola e espada, e logo depois sai, sem que o juiz de direito o possa ver, porque então os jurados, que tinhão de julgar o processo de Cosme da Silva Cavalcanti, estavão assignando o termo de juramento, e se interpunhão ás galerias.

Entretanto um juiz de facto, testemunha de tanta protervia e escandalo, vai ter com a sentinella da porta, mostra-lhe, que, deixando elle entrar Wanderley armado, parecia mui de proposito contravir ás ordens do juiz. Neste comenos volta Wanderley, com um livro debaixo do braço, e armado como sahira; então a sentinella, *pro forma* e mui fracamente se oppõe á sua entrada; mas o atrevido soldado precipita-se na sala, arrastando a espada, com estrepito inaudito, e põe-se a atravessar as galerias : ao chegar defronte da mesa do juiz, dá-lhe este voz de prisão, mas, neste momento, grita o delegado Beltrão ao soldado, que resista, e este diz, que não se entrega á prisão por esta ser illegal, dá o livro, que trazia ao delegado, e recosta-se á porta do quarto das conferencias !!

Não pára ahi o delegado Beltrão. Era preciso cohonestar tamanho attentado : declara, pois, que viéra dar audiencia, e que o fim desta era fazer a revista mensal da cadeia, sem reparar, que o doutor promotor, que á tal inspecção deve assistir, estava occupado no jury, e sem vêr, que o pretexto, á que se agarrava, já mais lhe poderia servir de justificação, uma vez que, tendo a sessão do jury de se findar no dia seguinte, devia elle então fazer semelhante revista !

Mas á nada attende o delegado ; surdo ás mais valiosas ponderações, enfezado e colerico, manda abrir o alçapão da enxovia, faz chamar os presos com extraordinaria algazarra, e conduzi-los ao quarto, em que elle se acha, e onde lhes faz perguntas em vozes altas, e depois, com igual alarido, descem os presos para a cadeia.

E era possivel, que no meio de tanto alvoroço e clamor continuasse a sessão ? Era possivel, que, estando um homem armado dentro da casa, proseguisse o julgamento de Cosme da Silva Cavalcanti ? Não, não, mil vezes não. Vejamos, porém, o que convinha, que o juiz fizesse.

Devia elle mandar rebater a resistencia do Wanderley ? Mas por quem, grande Deos ! ? Saiba o publico, que por effeito de *mero acaso*, e não de torpe combinação, os soldados, que então se achavão no serviço do jury, erão, no posto de sentinella, aquelle mesmo Possidonio, que no dia 31 de janeiro p. p. havia entrado com armas, estando ás ordens do delegado, e mais o proprio soldado, que nesse mesmo dia 31 deixára entrar Possidonio armado na sala do jury ! Que confiança devião merecer taes individuos ?

Mas, dado o caso (que se nega) de que estes soldados estivessem mui dispostos á obediencia, devia por elles e pelos meirinhos mandar o juiz executar a prisão de Wanderley dentro da casa do jury, e expondo assim a vida dos jurados e espectadores ? Creio, que ninguem o dirá.

Que lhe restava, pois, fazer ? Mandar autoar a resistencia occorrida, adiar o julgamento de Cosme da Silva Cavalcanti, e levantar a sessão. E foi justamente o que fez o juiz, depois, todavia, de lhe haver declarado o juiz municipal, doutor José Filippe de Souza Leão (que viéra, para, na forma do artigo 457 do regulamento n. 120 de 31 de janeiro de 1842, presidir o concelho, que tinha de julgar a causa de José Pereira da Silva), que, em seu modo de pensar, nem o jury estava em circumstancias de funccionar, estando um homem armado dentro da sala, e nem podia proseguir a sessão perturbada pelas vozerias resultantes da revista da cadeia.

Eu sei, que o delegado Beltrão diz, que seu procedimento se achava autorisado pelo chefe de policia : mas, se assim he, claro está, que a boa fé de S. S. foi surprendida pelo delegado, pois, se este houvesse exactamente delineado a disposição interna da casa do jury, era impossivel, que tivesse recebido semelhante autorisação.

E he aqui, que bate o ponto da questão. A casa da camara, em que o jury trabalha, consta de uma sala com uma só entrada. Esta sala, que he dividida por uma grade de páo de cinco ou seis palmos de altura, a fim de conter de um lado o tribunal, e do outro os espectadores, tem unicamente dous quartos, um mobiliado, onde o jury delibera, e outro sem moveis, que he onde se recolhem as testemunhas, sendo ambos elles dependentes da sala em questão.

Dahi facil he inferir, que Wanderley, transpondo a entrada, teve de infallivelmente achar-se dentro da sala do jury, e depois, collocando-se á porta do quarto das conferencias, esteve em posição, já não digo de assistir, mas de dominar a sessão, pois do local, em que esta se faz, apenas esteve separado pela largura das galerias, isto he, uns dez ou doze palmos !

Tambem he claro, que, occupando o jury, com seus trabalhos, toda a casa, não podia o delegado Beltrão fazer audiencia no quarto das conferencias, sem tumultuar a sessão do tribunal, e sem privar á este do unico local existente para sua deliberação depois dos debates.

Em todo o conflicto, cujos pormenores acabo de descrever, portou-se o juiz de direito de Santo Antão, doutor Anselmo Francisco Peretti, com a maior prudencia e circumspecção, mas não póde a sua moderação vencer a violencia.

Cumpre agora, que solicite de quem competir uma solemne desaffronta da lei e da justiça. Magistrado probo, justiceiro, exacto cumpridor da lei, estranho aos partidos, que nos dilacerão, deve afouto queixar-se á presidencia, e ao governo imperial. Peça, em fim, justiça á quem lh'a poder dar, e dirija-se tambem á opinião publica, que, convenientemente esclarecida, não poderá deixar de pronunciar-se á favor do magistrado zeloso no cumprimento de seus deveres, moderado, circumspecto e prudente, e contra o agente de policia assomado e violento.

O Jurado da cidade da Victoria.

Miscellanea.

OS MILAGRES DO GUANO. — CURA DA MORPHEA.

Lê-se no *Mémorial Bordelais* :

O acaso, fonte de tão numerosas e importantes descobertas, acaba de dotar a sciencia medica com um meio facil e seguro de curar a morphéa. Este pestilento mal, que, suffocando suas victimas em hediondos apertos, sulca seu corpo com feias rugas e fetidas ulceras, e que resistio até hoje ao ferro e ao fogo, unidos de balde para combatê-lo, esse mal ignominioso já não deve inspirar receios Delle triumpha o guano, que possue os elementos destruidores desse flagello.

Graças ao guano, em breve não haverá mais morpheticos. Este producto dos excrementos de milhares de aves aquaticas, cujo emprego, como estimulante, acha-se espalhado em quasi toda a Europa ; esta substancia activa, á qual os agricultores amigos das sabias innovações devem a fertilidade de terrenos até então estereis, encerra um thesouro mil vezes mais precioso, que essas propriedades fecundas. Ella contém agentes poderosos, que exercem uma influencia salutarissima sobre os orgãos affectados da morphéa ; tal he a sua efficacia, que em pouco tempo o mal mais inveterado experimenta felizes modificações, as quaes trazem uma cura radical com o auxilio de frequentes banhos do mar.

O guano, abundantemente carregado de saes ammoniacos, que se exhalão como fluido aeriforme, impregnando a atmosphera, no meio da qual respira o doente, produz nelle uma vivificação tão doce como prompta. O halito infecto, que seu peito exhala, se purifica ; seu sangue tornado sadio gyra mais livremente. A' prostração de suas faculdades physicas e intellectuaes, inevitavel resultado de um mal reputado incuravel, segue-se uma doce regeneração. Para elle renasce a alegria, e as sombrias ideias de suicidio, que, em frequentes accessos de desesperação, elle acolhia com avidez, para abreviar o termo dos seus soffrimentos e para forrar-se a uma nojenta agonia, esses pensamentos dissipão-se como negras nuvens perante os raios do sol. Com a saude volta a serenidade da alma.

Eis-aqui as circumstancias no meio das quaes manifestárão-se pela primeira vez, no Perú, as virtudes curativas do guano.

Um criado atacado de morphéa foi despedido por seu amo, que receiava o contagio da enfermidade na sua familia. Este desgraçado, depois de haver errado muito tempo sem asylo, refugiou-se em uma das ilhas do Oceano-Pacifico, afamadas pelos enormes montões de guano, que cobrem sua superficie. Esta materia, que he hoje objecto de commercio, attrahia a estes lugares muitos navegantes, que vinhão carregar os seus navios. Obrigado, no estado de abandono e de penuria a que estava reduzido, a tratar elle mesmo de suas mais restrictas necessidades, ajudava, com a pouca força, que lhe restava, as tripolações dessas embarcações, e recebia dellas, em troco de seus serviços, alguns alimentos e modico salario. De dia, depois das horas de trabalho, banhava-se no mar, á noute, mettia-se no fundo de uma especie de gruta por elle cavada ao lado de um desses immensos montões de guano, que jazião em roda delle.

Para logo, e sem penetrar a causa, experimentou um bem estar para elle desconhecido. As manchas e gretas, que lhe nodoavão a pelle, desapparecêrão insensivelmente; as forças reapparecêrão, e apenas tinhão passado dous mezes, que elle abandonava o lugar do seu desterro, e voltava, com boas côres, os membros cheios de elasticidade e vigor, para a sua primeira occupação debaixo do tecto, donde fôra banido.

Esta cura milagrosa animou outros morpheticos a experimentarem o especifico providencial. O exito mais favoravel coroou sua esperança : derão publicidade a esses meios naturaes de facil cura. As suas narrações parecêrão, porém, tão fabulosas a principio, que forão recebidas com muita reserva. Todavia dissipou-se a incredulidade á vista da relação de pessoas da arte, que apressárão-se a ir visitar esses depositos de guano, onde testemunhas oculares convencêrão-se dos effeitos curativos de uma substancia, cujas virtudes não podem ser demasiadamente exaltadas.

Grande numero de pessoas devoradas pela morphéa sarárão, depois de breve estadia, na ilha de Chincha, perto de Pisco, coberta de immensas camadas de guano; dalli voltárão sãas e cheias de agilidade. As salutares propriedades desses excrementos não podem offerecer duvida. Constão de factos positivos reconhecidos por uma inquirição medica mandada fazer pelo presidente do Perú, e que está consignada nos archivos do governo desta republica. Achão-se, pois, revestidos da mais solemne authenticidade.

Demais, a commissão geral dos hospitaes do Chile mandou alguns morpheticos para uma das ilhas do seu territorio abundante de guano. O estado morbido desses desgraçados melhora todos os dias, e uma cura tão proxima como segura deve, conforme o aviso dos medicos, ser o resultado de sua perigrinação a esses lugares regeneradores.

Possão estas poucas reflexões de um homem estranho á medicina, mas amigo ardente da humanidade, lançadas como semente nos ferteis campos da sciencia medica, germinar e desenvolver-se ! Possa um desses genios, que apparecem frequentemente entre nós illustrando-se por tantos e tão honrosos trabalhos, applicar olhos investigadores sobre o guano, e, submettendo á analyse chimica os elementos energicos, que o constituem, resumi-lo em extractos, cuja applicação possa ser feita interior, ou exteriormente como melhor prescrever a arte.

Se, como esperamos, a chimica conseguir, depois de profundo estudo da natureza e da acção dos agentes curativos desta substancia, enriquecer o dominio da therapeutica, a elephantiasis, harpia immunda, que, espalhando seus pestilentos estragos por quasi todas as partes do mundo, imprime um sello de reprovação e morte sobre os entes, que suja com o seu alito, desapparecerá para sempre da superficie do globo.

Que de bençãos se hão de dirigir áquelle, que livrar desse formidavel flagello tantos valles de França, asilo infecto de centenares de morpheticos, tantas cidades das regiões intertropicaes, tantos paizes da Asia onde se multiplicão em vastas cloacas ! Milhares de reprobos, luctando entre o soffrimento e o desespero, serão regenerados e restituidos as suas familias e á sociedade para os quaes erão objecto de repulsão invencivel. O cordão sanitario, que, separando-os dos seus semelhantes, os conservava em estreito isolamento, entregues aos horrores de lenta e putrida agonia, ficará para sempre quebrado, e cessarão de ser excommungados pela sociedade.

J. F.

(*Journal du Havre* de 5 de setembro.)

(*J. do Commercio.*)

Variedade.

O AMOR FILIAL.

Teve lugar, ha pouco tempo, na provincia do Rio-de-Janeiro um acontecimento, que não deixa de merecer as honras de publicidade.

Um pobre velho, proprietario de humilde choupana e de algumas braças de terra, achando se já em estado de não poder trabalhar, por sua avançada idade e outros soffrimentos physicos, vivia dos trabalhos de tres filhos, e de uma filha, que para pouco chegava. Os dous filhos mais velhos entendêrão, que só para si devião trabalhar, pedirão ao pai, que lhes marcasse para isso terreno. Facil foi ao velho perceber o motivo dessa supplica, mas, sem dar o menor signal de que havia adivinhado a intenção de seus filhos, deixou-lhes livre a escolha do lugar, designando sómente o numero de braças em quadro; dizem uns, que 18, outros, que menor, e outros finalmente, que maior foi o numero dellas. Os dous primeiros escolhêrão, como era de presumir, o melhor e o mais cultivado terreno, e não forão muito escrupulosos na demarcação. Já se vê, que peiorada ficou não só a situação do velho, como a da filha, e do filho mais moço, até que pelos esforços destes, coadjuvados pela mão da Providencia, podessem tirar da terra o que era mister para as mais urgentes necessidades da vida: nos primeiros dias da nova plantação o velho arrastou-se a esse lugar, plantou uma bananeira e poz-lhe o nome desse terceiro filho, bem longe de pensar, que desse arbusto veria a felicidade desses dous filhos !

Para os dous mais velhos, parece que a terra tornou-se esteril, e as arvores improductivas ; o certo he, que elles, trabalhando só, não forão mais felizes do que quando repartião com o bom pai ; e, para abreviarmos a nossa historia, diremos, que em uma bella manhãa ambos abandonárão a casa paterna, sem que do resto dos moradores se despedissem, julgárão bem escusada a benção paternal ; ambos em o mesmo dia sentárão praça, no mesmo côrpo, na mesma companhia. Este golpe, dado cruelmente no coração de um pai, produzio todos os seus effeitos ; já não tinha só de luctar com o peso dos annos, e de soffrer as dores physicas, outra mais horrivel o aproximava do tumulo, a da saudade de seus filhos, a da incerteza de sua sorte, a falta de noticias delles. Vê-los antes de morrer era o desejo de cada hora, o pensamento dominante nos seus sonhos de todas as noutes : cobrio-se com o vêo da tristeza, e luctava entre a vontade de ter reunido em roda de si todos os seus filhos, e o susto de vê-los soffrer o castigo da sua ingratidão : procurava noticias, e nenhumas colhia, foi perdendo uma a uma todas as suas esperanças.

O primeiro cacho dessa bananeira, que a todos maravilhou pelo tamanho, produzio o sufficiente para uma entrada no nosso grande jogo, na loteria ; o acaso, ou antes a Providencia, quiz que esse moço tão dedicado a seu pai, visse, vindo á cidade, um vigesimo do numero das braças de terreno, que seu pai havia repartido por cada filho, e o comprasse; anda a roda, sahe-lhe a grande sorte, compra um escravo, fornece a casa de todo o necessario, e guarda algum dinheiro para continuar no jogo. Impossivel he pintar o prazer dos dous jovens vendo-se com tanto dinheiro, menos o do pai, que chorava por não vêr partilharem da mesma sorte os outros filhos ausentes.

Animado pelo primeiro lance de fortuna o moço arrisca-se a novas paradas até obter um bilhete inteiro do numero de braças em quadro, que lhe tocárão, reduzido a braças quadradas, se erão 18, como nos disserão, o numero do bilhete deveria ser 324. O certo he, que ainda o premio grande lhe pertenceo ; e a misera choupana em breve se transformou em commoda habitação.

Ha pouco tempo, que a sineta d'um grande engenho annunciava a conclusão d'umas bodas, erão as desse moço com a filha de um rico fazendeiro ; nessa mesma hora um dos irmãos apresentava-se desertor, e pedia, que o escondessem; e ainda nesse hora a sineta de uma das fortalezas dobrava pela morte de um forçado, era a do outro irmão. O velho só vio os dous primeiros dias da ventura de seu filho obediente, espirou ao terceiro abençoando-o, e recommendando-lhe a sua unica filha, a bella Emilia.

H.

(*Do Mercantil*)

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 26. . . . . 6:098$675

Descarregaõ hoje 27.

Brigue—*Condor*—mercadorias.
Brigue—*Amelia*—batatas.
Polaca—*Constantina*—mercadorias.
Brigue—*Juno*—idem.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 26.

Geral	777$297
Provincial	450$522
Diversas provincias	37$522
	1:265$341

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 26.

Glasgow ; 62 dias, brigue inglez *Glaucus*, de 214 toneladas, capitão José Banks, equipagem 13, carga fazendas ; a Adamson Howie & Companhia.

Montevidéo ; 30 dias, galera austriaca *Fedele*, de 298 toneladas, capitão Bartholomeo Gavagnin, equipagem 13, em lastro ; a Le Breton Schramm & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Bahia e Rio-de-Janeiro ; paquete inglez *Penguin*, commandante Walter Leslie.

Veneza ; brigue hamburguez *Carl*, capitão John Visser, carga assucar.

Trieste; galera dinamarqueza *Ospra*, capitão J. J. Toldito, carga assucar.

Stockolmo; brigue suéco *Helena*, capitão I. H. Knoll, carga assucar.

Declaraçaõ.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL.

Na mesa da associação commercial, praça do Corpo Santo, existe uma lista para as pessoas, que quizerem voluntariamente subscrever para o soccorro das familias perseguidas pela secca.

PUBLICAÇAÕ LITTERARIA.

AOS SENHORES PREGADORES.

Todos os sermões da quaresma e do advento, panegyricos, orações funebres e outras, pelo illustre MASSILLON, 2 grandes volumes em francez, com retrato do autor á frente. Vendem-se pelo modico preço de 20$ rs. ; na rua do Crespo, loja de Campos & Maia, n. 8.

Aviso maritimo.

= O brigue *Independente* sahe para o Rio-Grande-do-Sul no fim do corrente mez. Roga-se aos Srs. carregadores de escravos mandem apromptar as guias e conhecimentos, que os devem acompanhar.

Leilaõ.

= João Keller & Companhia farão leilão, por intervenção do corretor Oliveira, de grande sortimento de fazendas proprias deste mercado : hoje, 27 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cruz.

Avisos diversos.

—Arantes & Braga avisão ao respeitavel publico, que deixou de ser seu caixeiro Feliciano Bernardino da Silva, desde o dia 23 do corrente.

— Offerece-se para capellão de alguma igreja, nesta praça, um sacerdote ; quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a praça da Independencia, livraria, ns. 6 e 8.

— Precisa-se de uma ama para o serviço interno de uma casa de pouca familia, e que saiba perfeitamente engommar : quem se achar nestas circumstancias, dirija-se a rua da Concordia, entrando da rua Nova, lado esquerdo, casa que faz esquina para a travessa da mesma rua.

— O bacharel Gaspar de Siqueira e Queiroz, natural do Pará, retira-se para a sua provincia, levando em sua companhia a sua escrava de nome Anna. Declara, que tem nomeado seu procurador nesta praça ao Reverendo Sr. Joaquim A. Marques.

= Louisa Kleyensteuber retira-se para Hamburgo.

— Precisa-se de uma ama para todo o serviço de uma casa de pouca familia ; na rua das Larangeiras, n. 14.

= A ama Felizarda, que já servio na rua da Cadeia do Recife, n. 23, queira dirigir-se a mesma casa, para negocio de seu interesse.

— Dá-se dinheiro a juros sobre relogios de ouro e trancelins, obra moderna ; na rua das Flores, n. 18, casa de relojoeiro.

= Arrendão-se 4 casas terreas pequenas, na rua junto a ponte grande da Passagem-da-Magdalena, e uma padaria acabada de proximo, com seu competente forno ; na rua da Gloria, sobrado n. 59.

— Precisa-se de uma ama com muito e bom leite, que seja livre e desimpedida, e que saiba bem pensar uma criança ; na rua da Praia de S. Rita, sobrado n. 1.

— Precisa-se alugar um moleque, ou uma preta para servir a uma casa de homem solteiro : na rua da Cruz, no Recife, n. 37, segundo andar.

— Um homem approvado em todas as materias, que dizem respeito as primeiras lettras, e que sabe musica, se offerece para ensinar em algum engenho, ou fazenda, por modico preço; tambem ensina por casas particulares nesta cidade. O mesmo se offerece para ir a qualquer commissão de negocio, dentro ou fóra da provincia, dando para tudo fiador a sua conducta. Quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua Direita, n. 39

APOLLINEA.

A commissão administrativa fez hoje sessão, as horas do costume, para tratar das propostas de convidados para a partida da abertura, que deve ter lugar no dia 4 do p. futuro mez.

— Manoel Joaquim Seve embarca para o Rio-de-Janeiro o seu escravo Joaquim, de nação Songo.

Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda.

O pouco adiantamento, que tem tido a venda dos bilhetes desta loteria, occasionado sem duvida pela falta de numerario, que se experimenta nesta provincia, e calamidades, que assolão as do Norte, para onde era vendida uma não pequena porção de bilhetes, fez com que o andamento das rodas da mesma loteria se não podesse realisar no dia 26 do presente mez, como se havia annunciado, visto que apenas se tem effectuado a venda de pouco mais de metade dos referidos bilhetes: e como, em precença desta não pequena difficuldade, não póde o respectivo thesoureiro ser compellido a fazer impossiveis, declara que os ditos bilhetes continuão a estar a venda nos lugares já publicados, e que, dado o balanço exacto do que se ha vendido, será brevemente marcado o dia impreterivel da extracção.

= Braulio Rodrigues Teixeira communica a todos os seus credores, especialmente aos que morão fóra da praça, que sua botica, e tudo quanto possuia, consistente em lettras, titulos e algum dinheiro em cedulas, fôra consumido pelo incendio, que houve na noute do dia 22 do corrente, o que reduzira o annunciante a um estado de completa indigencia.

= Em resposta ao annuncio do *Diario* de 25 do corrente, n. 45, declara-se, que a casa n. 22, sita atrás da matriz de S. Antonio, he foreira ao morgado das Alagôas.

= Precisa-se de um caixeiro, que tenha bastante pratica de loja de ferragens: na rua do Queimado, loja n. 13, de Antonio José Rodrigues de Souza.

= Os bilhetes ns. 974 e 1629, da primeira parte da terceira loteria a favor da igreja matriz de S. Pedro Martyr da cidade de Olinda, pertencem ao Sr. João Antonio de Lourido, do Maranhão.

= Aluga-se um sobrado de um andar e sotão, com muitos commodos para familia, na rua dos Quarteis: a tratar na praça da Independencia, ns. 24, 26 e 28.

— Precisa-se de uma ama para uma casa de homem solteiro; na rua da Cruz, no Recife, n. 37, segundo andar.

= No dia 22 do corrente, as 11 horas da noute, estando o abaixo assignado dormindo na porta de sua tenda, na rua do Livramento, n. 5, entrou uma preta, baixa, e secca, e lhe furtou uma casaca por acabar, estando em quartos, e as mangas por pregar, umas calças do mesmo panno, já promptas, uma casaca preta em meio uso, umas calças de princeza, uma jaqueta de esguião, um lenço preto em meio uso: roga-se a pessoa, a quem forem offerecidos alguns destes objectos, de os apprehender, e no caso, que os tenha comprado, vir receber o importe delles na dita tenda. = *Antonio Ferreira de Souza.*

— O secretario da irmandade de S. José d'Agonia, erecta na igreja de N. S. da Penha, faz sciente a todos os irmãos, que domingo, 1.° de março, pelas 9 horas do dia, haverá reunião da mesma irmandade, em mesa geral, para se tratar de objectos de grande interesse, e dos quaes depende a continuação da irmandade: e por isso o secretario roga a todos os irmãos, queirão comparecer na referida igreja a hora indicada.

— Aluga-se o segundo andar da casa n. 20 da rua Direita, com boa vista, e bons commodos; assim como o primeiro andar do sobrado da rua da Senzalla-Velha, junto ao Sr. Lasserre, muito fresco, e com bons commodos: a tratar na rua do Collegio, segundo andar, n. 14, ou no Recife, armazem de Bacellar, a fallar com J. Marcellino da Rosa.

= Precisa-se de um padeiro, que entenda perfeitamente de massa, para administrar o trabalho de uma padaria: na rua Direita, n. 82.

— Tem-se contratado comprar a casa n. 22, atrás da matriz de S. Antonio, que ha pouco foi arrematada em praça, e neste acto designada com o terreno foreiro: e porque haja nisto engano, deseja-se saber se ha dono ao referido terreno.

— Uma pessoa de saber e capacidade, e que já tem pratica de ensino, propõe-se a dar lições de primeiras lettras, grammatica nacional e musica, pelo melhor methodo possivel, em casa de sua residencia, ou em ditas particulares, afiançando o bom aproveitamento. A pessoa, que se quizer utilisar de seu prestimo, dirija-se a rua Bella, n. 11, que achará com quem tratar.

= Aluga-se uma casa terrea na rua da Soledade, com 2 salas, 6 quartos, quintal murado e outro cercado: a tratar na rua da Aurora, n. 58.

—Aluga-se, por commodo preço, um sotão de uma casa na rua Augusta; quem o pretender, dirija-se a rua do Collegio, n. 8.

=Aluga-se um sitio, que tenha pasto para 4 vaccas, perto da praça, embora não tenha muitos arvoredos; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 26.

= Aluga-se o armazem do sobrado n. 50, da rua da Senzalla-Velha, por preço commodo; tem quintal, cacimba e estribaria para dous ou tres cavallos: a tratar na rua do Queimado, n. 10, terceiro andar.

= O capitão do patacho *Correio-de-Pernambuco*, Antonio José de Abreu, segue para os portos do imperio, e leva em sua companhia sua mulher Maria Gertrudes Callado de Abreu, e os seus filhos menores Joaquim, Martinho, Caetano, Candida, e Antonio, e uma escrava de nome Maria, Caçange.

Fazem-se

Trancelins de qualquer modelo, anneis, fitas, flores, adereços, pulceiras, brincos, &c.; tudo o mais bem feito possivel e por preço modico.

— Na rua Formosa, atrás da ermida dos Inglezes, casa n. 1, precisa-se de uma criada para o serviço interno de uma casa.

— Alugão-se duas casas terreas ns. 3 e 5, defronte do theatro novo: a tratar na rua Cadeia do Recife, n. 40.

= As 11 horas do dia 21 do corrente, recolheo um matuto um cavallo no armazem do sal da Boa-Vista, n. 6: e como não tenha apparecido o dito matuto, e julga-se ser furtado o dito cavallo, roga-se a quem for seu dono, de o ir tirar, dando os signaes certos, e pagando toda a despeza.

— Fugio um papagaio muito fallador, e suppõe-se que levou um pedaço de corrente em um pé: quem o pegar, querendo restituir, leve ao Hospicio, sitio n. 8, que será generosamente recompensado.

Compras.

— Comprão-se escravos de ambos os sexos; sendo de 12 a 20 annos, e com boas figuras, pagão-se bem: na rua Nova, loja de ferragens, n. 16.

— Compra-se uma rotula usada, ou alguma grade; na rua de S. Rita, n. 91.

— Compra se uma casa terrea em chãos proprios, em Olinda, sendo nas ruas seguintes: Aljube, Quatro-Cantos, Amparo, S. João, e Misericordia, não excedendo seu valor de 200$ até 250$ rs.: quem tiver, annuncie.

— Compra-se cobre virilha-funda, por metade do seu antigo valor: na rua do Queimado, loja de miudezas n. 16.

— Comprão-se sementes de todas arvores de boa fructa, e juntamente de arvores de boa madeira; paga-se bem qualquer porção: quem tiver, annuncie.

= Compra-se papel sujo, sendo diarios melhor; na rua dos Quarteis, ao pé da policia, n. 19.

— Compra-se uma rola de Angola; quem tiver, annuncie.

Vendas.

=Arithmeticas e Algebras de Lacroix, para uso do collegio das artes e do lyceo. Vendem-se na rua da Cadeia do Recife, loja de Cardoso Ayres.

= Vende-se uma bonita preta de Angola, de 18 annos, sem vicios; um moleque, de 14 annos, de bonita figura: na rua estreita do Rozario, botica, n. 10.

= Vendem-se varios escravos, bonitas peças; uma preta, que lava, cozinha o diario de uma casa, e cose; um mulatinho, de 12 annos, de bonita figura, proprio para pagem: na rua da Cruz, n. 3.

= Vendem-se na rua de Apollo, armazem de assucar, n. 4 A, fechos de pinho do Porto, muito bons, que levão de 13 a 20 arrobas de assucar, por preço commodo.

= Vende-se uma casa de sobrado de dous andares, na rua do Fogo, n. 18: a tratar na rua das Cruzes, n. 20, primeiro andar, nos dias terças, quintas-feiras e sabbados.

— Vende-se cera de carnauba, em porções e a retalho, por preço commodo; na rua da Cadeia-Velha, n. 2.

= Vende se uma escrava crioula, de 14 annos, com principios de habilidades; uma escrava da Costa, optima quitandeira; um mulatinho, de 10 annos, optimo para pagem; um dito de 22 annos, muito reforçado, para o serviço de campo; um escravo de nação, de 30 annos, bom serrador, e muito possante: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Vende-se um terreno com 86 palmos de frente e 612 ditos de fundo, já todo atterrado, e com casas de pedra e cal, no alinhamento da rua da Aurora em S. Amaro, junto a fundição: a tratar no mesmo lugar, com Manoel Ferreira Lima.

— Vende-se muito superior potassa da Russia, em barris pequenos, pelo modico preço de 240 réis a libra: na rua do Trapiche, armazem de José Teixeira Basto.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

= Vendem-se 4 pardas, de 16 a 20 annos, com habilidades; 3 pretas, de 17 a 22 annos, com habilidades; uma negrinha, de 13 annos; um preto da Costa, de bonita figura, de 20 annos; dous pretos para o serviço de campo, por preço commodo: atrás da matriz de S. Antonio, n. 16, primeiro andar.

= Vende-se a armação da venda do pateo do Hospital, n. 27, com sotão e mais pertences, por preço commodo: no Mundo-Novo, venda n. 46, de Nicoláo Rodrigues da Cunha.

= Vendem-se palhas de coqueiro, aos centos, por preço commodo; no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores, n. 26.

Vende-se a mais superior sarja larga hespanhola, lós de linho pretos superiores, panno preto muito fino, casimira preta franceza elastica muito superior, merinó preto o mais fino possivel, e outras muitas fazendas por preço commodo: na pracinha do Livramento, hoje rua do Queimado, loja nova, n. 46.

MUITO BARATO.

=Vende-se um pequeno sitio a margem do Capibaribe, com casa de vivenda, coqueiros e terra para plantar alguma cousa, agoa de beber, muito fresco e alegre, com estrada pela Passagem, e pelos Afogados; as mais proporções se dirão ao comprador: na rua de Agoas-Verdes, n. 21.

= Na loja de José Gomes Leal, na rua da Cadeia do Recife, vende-se boa sarja preta, por commodo preço.

= Vende-se sarja preta portugueza, muito boa, por preço commodo; um relogio, sabonete de preta, patente inglez; estopa do Porto, boa para roupa de escravos, por ser encorpada: na rua da Senzalla-Velha, n. 142, segundo andar.

= Vende-se um preto de nação, socador de assucar, trabalha em padaria, e mesmo he proprio para engenho, por ser robusto; na rua da Senzalla-Velha, n. 98.

=Vende-se um escravo crioulo, de idade de 22 annos, de bonita figura, e sem vicios: na rua do Pilar, n. 135.

Tivolly da rua do Crespo.

= Na loja da esquina da rua do Collegio, com frente para o arco de S. Antonio, vende-se seda de xadrez para vestido, a quatro patacas e meia o covado; luvas de seda preta e de côres, com meios dedos e sem elles, proprias para senhora, a doze vintens o par; sarjas pretas, fabricadas em Lisboa, a dous mil rs. o covado; ditas hespanholas, muito boa, por preço commodo; merinó preto com 7 palmos de largura, a trez mil rs. o covado; alpaca muito propria para casacas e sobre-casacas, a cinco patacas o covado; princeza preta com 7 palmos de largo, a quatro patacas o covado; chitas de Roberto do Diabo, a meia pataca o covado; riscados largos, tecidos, com padrões escuros, a nove vintes; ditas francezas de xadrez, a doze vintens o covado; chitas francezas largas, e riscados turcos, a pataca o covado; um bom sortimento de chales e lenços de todas as qualidades; boas mantas de setim, modernas; tafetás de todas as côres; galões; rendas; espeguilhas; volantes; papel meia hollanda, a dous mil e oitocentos rs. a resma; lenços imitando a seda, a doze vintens; e outras muitas fazendas, como chapeos de sol, de seda, a cinco mil e quinhentos rs., e outros com barra de superior seda, a sete mil rs.

Potassa americana.

Vende-se a 240 rs. a libra, da melhor e mais nova, que existe neste mercado; no armazem do Braguez ao pé do arco da Conceição, ou a tratar com J. J. Tasso Junior.

=Vende-se uma capa de lila, nova, para padre; na rua Direita, n. 6, primeiro andar.

=Vende-se sola do Aracaty, muito boa; na rua da Cadeia do Recife, loja de ferragens, n. 44, por preço commodo.

— Vende-se, ou permuta-se por casas terreas nos 3 bairros do Recife, um armazem grande de pedra e cal, com 50 palmos de frente, na rua de Apollo, no Recife, n. 30, da parte da maré, com muitas proporções para se levantar um elegante predio, e com desembarque no fundo, proprio para algum estabelecimento, que se quizer pôr, por ser tambem de esquina, e por se lhe poderem abrir portas e janellas no oitão da parte do Norte; e juntamente com o mesmo predio vendem-se duas canoas d'agoa, uma nova e a outra em bom uso, duas abertas e grandes, e 5 escravos canoeiros: a tratar na rua da Senzalla-Nova, venda de José Pereira.

= Vende-se uma mulatinha, de 9 a 10 annos de idade, com principios de costura; na rua de Hortas, n. 54.

= Vende-se, por preço muito commodo, para fechar uma conta, superior setim preto da India, e pentes de marrafa; na rua da Cadeia, n. 52, casa de Luiz Gomes Ferreira & Companhia.

—Vende-se uma grammatica franceza de Sevene; um Telemaco; um diccionario francez e portuguez de Constancio, segunda edição; tudo em bom estado: na Camboa-do-Carmo, estanque de tabaco, n. 22.

= Vende-se um sitio em Paratibe; uma preta de 14 annos; um preto official de sapateiro de toda obra, de idade de 25 annos, sem vicios; 4 moradas de casas; uma canoa de carreira; tudo em Iguarasú: a tratar com José Antonio Coelho.

— Na rua do Hospicio, n. 14, vende-se uma parda, de 16 annos, sem defeitos, sabendo engommar, e coser costura chãa.

= Vende-se uma casa grande e com bons commodos, quintal bastante grande, e com varios arvoredos, na rua da Conceição, n. 14: a tratar na dita casa.

— Vende-se arroz pilado, a 11$ rs. o alqueire; muito boa manteiga, a 960 rs.; dita a 720 rs.; talharim, a 240 rs.; café em grão, a 180 rs., primeira sorte; cha de Lisboa, a 3500, 2560 e 2400 rs.; letria, a 240 rs.; espermacete, a 800 rs.: na rua estreita do Rozario, venda de esquina, n. 47.

= Vende-se uma mesa de jacarandá, de meio de sala, de bicho; uma commoda de amarello; uma tenda de marceneiro, com todos os pertences; tudo por preço commodo: na rua do Aragão, n. 33.

= Vende-se um escravo muito sadio e moço, com principios de serrador, e sabe fabricar velas de carnauba; farinha fina e entre fina, em saccas, por preço commodo: na rua da Cadeia-Velha, armazem de assucar, n. 12.

= Vende se um preto crioulo, bem moço, de bonita figura, e he perfeito carreiro; duas negrinhas, de 11 a 13 annos, com bons principios de costura e de arranjo de uma casa: no pateo da matriz de S. Antonio, n. 4, segundo andar.

Vendem-se borzeguins gaspeados para homem, de ns. 35 e 37, a 4$500 rs.; ditos de meia gaspea, de ns. 37, 38 e 43, a 4$000 rs; ditos de ponta de lustro a 3$200 rs.; botins de Lisboa a 2$560 rs.; sapatos francezes, de duas palas, a 3$600 rs.; sapatos de marroquim, francezes, com fitas, para senhora, a 1$200 rs.; ditos de cordavão, de Lisboa, para senhora, a 900 rs. o par; ditos de lustro para menina, n. 27, a 900 rs.; ditos de tapete a 1$000 rs.; ditos para menino (chiquitos) a 100; e outras muitas qualidades, por preço commodo, na rua da Cadeia do Recife, n. 35.

—Vende-se o drama historico de Napoleão em S. Helena; o celebre e curioso drama Ernani, que foi representado no sabbado; e outros mais; Buffon, em 42 volumes, com estampas, por 25$ rs.; J. J. Rousseau, 25 v., 16$ rs.; diccionario universal francez e inglez, e vice-versa; alguns manuaes, e outras muitas obras de artes e officios: a fallar com João de Dubois, na rua dos Quarteis, n. 11.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austin & Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

Vende-se, na rua da Cruz, n. 60, primeiro andar, cera em velas, recebida directamente de uma das melhores fabricas do Rio-de-Janeiro; he de optimo sortimento, e por preço mais barato do que em outra qualquer parte.

— Vende-se a venda da rua da Cadeia do Recife, n. 1, a dinheiro, ou a prazo: a tratar na mesma venda.

Escravos Fugidos.

— Fugio, na madrugada do dia 7 do corrente, da cidade da Olinda, uma parda de nome Cosma, parecendo branca, por ser bastante clara, cabellos cortados e corridos, estatura mediana, não mal parecida, olhos pretos e grandes, sobrancelhas grossas, com falta de dentes na frente, peitos grandes, pés e mãos regulares; em um dos pés tem uma pequena ferida entre os dedos, que não a deixava andar bem; o dedo do meio da mão direita, na ultima junta, he defeituoso de um panaricio; representa 20 a 22 annos de idade; levou, além da roupa do corpo, uma trouxa com um vestido de chita novo e algumas camisas, sendo 3 de madapolão fino, ainda em folha, e 45$ rs. em cedulas: quem a pegar, leve a sobredita cidade de Olinda, as rua do Passo-Castelhano, casa contigua ao theatro, ou no Recife, na rua da Aurora, n. 12, que será generosamente recompensado.

= Fugio, pelas 3 horas e meia da tarde do dia 19 do corrente, uma preta crioula, de nome Faustina, de côr preta, bocca grande, nariz chato; quando falla parece estar assustada, e o melhor signal que tem he ter signaes nas palmas das mãos de ter levado, ha poucos dias, bolos por outra fugida que fez; já foi vista na praça da Boa-Vista, e pela rua da Conceição do mesmo bairro; levou vestido de chita sujo, de cozinha, camisa de algodão e panno da Costa: quem a pegar, leve a rua da Senzalla-Velha, n. 142, segundo andar, que será recompensado com generosidade.

100$000 réis de gratificação

a quem trouxer um escravo de nome Antonio, nação Muchicongo, de estatura regular, pouco se entende do que falla, he delgado do corpo, pés pequenos e seccos, o rosto descarnado, os dentes da frente um tanto sahidos; levou vestido ceroula de algodão e camisa de baeta. Este escravo já fez uma fugida, e foi pegado na villa do Cabo; e em fins de outubro proximo passado fugio de um sitio do engenho Junqueira: quem o levar a seu senhor Gaspar da Silva Froes, na rua das Trincheiras, n. 18, ou no dito engenho a Miguel Garcez Alves Lima, receberá a quantia acima.

= Fugio, em janeiro de 1845, uma preta de nome Joanna, do gentio de Angola, de idade de mais de 50 annos, desdentada, beiços grossos, de estatura regular, falla bem quando quer; conserva sempre um lenço amarrado na cabeça; suppõe-se estar em Cumari acima do Limoeiro, por ter neste lugar um preto de nome Joaquim, de quem ella he mulher, por ter vindo deste lugar uma vez: quem a pegar, leve a rua estreita do Rozario a seu senhor, que mora defronte da rua do Fogo.

PERN.; NA TYP. DE M. F. DE FARIA — 1846.